

## **Anotações sobre uma leitora singular**

*Norma Sandra de Almeida Ferreira*

Segundo Lajolo e Zilberman (2000) o leitor, de carne e osso, alvo principal a sustentar o negócio dos livros, numericamente identificado pelos censos e estatísticas, objeto de estudo para diferentes pesquisadores, é possível de ser visto, de ser cobiçado, contado e narrado a partir da emergência da sociedade de recorte burguês e capitalista.

Esta figura do leitor não é causa e nem consequência da expansão da imprensa, da obrigatoriedade e difusão da escola primária, da alfabetização em massas das populações urbanas, da ampliação do mercado de livros por editores. Esta figura acompanha todos esses aspectos, e ainda outros como: a valorização da família e sua privacidade, a idéia de lazer e do tempo livre para o consumo da leitura, consolidados a partir do século XIX.

Uma vez identificada a figura do leitor, a História da Leitura ora aponta para o seu crescimento avassalador, ora para sua ausência. São numerosos e cada vez mais diversos esses leitores. São poucos e a eles faltam habilidades, condições e interesses pela leitura.

Para o mercado livreiro, o leitor transformado em um público consumidor de uma mercadoria específica necessita de muitos livros. E, por isso, assistimos nos últimos anos, à produção de livros que cresce e consolida-se em termos de mercado editorial, não só em quantidade, mas em qualidade e diversidade de títulos, autores, temas, gêneros.

Para a academia, o leitor transformado em objeto de reflexão exige ser melhor investigado. Dissertações de mestrado e teses de doutorado defendidas no Brasil, no período de 1980 a 1990 (FERREIRA, 2001) buscam através de mapeamento dos interesses, preferências, hábitos, representações, condições de leitura e de estudo, responder às questões: Quem é esse leitor? O que lê, quando e por quê?

Em grande número, pesquisadores voltam-se, então, principalmente para o leitor na escola ou para o de bibliotecas públicas, discutindo os possíveis fatores, como família, classe social, história pessoal e social, trajetória escolar que podem interferir na produção dos seus interesses, hábitos, gostos da leitura, enfim em sua formação de leitor.

Podemos dizer que o leitor brasileiro enquanto figura a ser atingida pelo mercado livreiro e enquanto objeto de investigação tem tido seu lugar nas três últimas décadas, na história da leitura, muitas vezes acompanhado de uma história da educação, da escola, em nome de uma importância dada à leitura como aquela capaz de oferecer ao leitor o senso crítico, o direito à cidadania, as condições para ele superar barreiras social e econômica.

### **Mas e a leitora?**

Marlyn Lyons, em artigo intitulado Os novos leitores no século XIX: mulheres, crianças, operários (Cavalho e Chartier, 2001) através dos depoimentos deixados por leitoras da época, do número registrado de tiragens de revistas, jornais produzidos por mulheres ou diretamente direcionados para o público leitor feminino, delinea a figura da mulher leitora, no decorrer de todo o século XIX, na Europa.

Segundo Lyons, a leitora constitui parte substancial e crescente de um novo público que não só devora romances, mas também lê revistas para mulheres, vida de santos, manuais de cozinha, conselhos sobre etiqueta, revistas semanais ilustradas. Uma leitora que passa a demandar cuidado por parte de romancistas e editores, profissionais que exploram ao máximo as novas capacidades de investimento capitalista. Uma leitora que passa a demandar cuidados de bibliotecários e pais dispostos a desencorajar a perda de tempo ou proteger suas filhas do capricho da imaginação ou da estimulação erótica.

No Brasil, segundo Lajolo e Zilberman (2001: 240):

*Só a partir do século XIX, após a separação de Portugal, quando a Independência motivou um projeto educacional para a nova nação, dentro do qual se incluía, ainda que marginalmente, a instrução da mulher, é que entre nós, como já ocorrera na Europa, a presença feminina teve efeitos no âmbito da produção e circulação das obras dos escritores brasileiros.*

Leitora, de folhetins ou de clássicos, leitora de papel e tinta representada na ficção, leitora em cores nas pinturas de Almeida Júnior, leitora em movimento na tela do cinema. Leitoras de carne e osso ou virtual alcançam seu espaço e vez. Ganham forma e jeito. Tornam-se objeto de estudo.

## Uma leitora bem particular

Só muito recentemente é que as pesquisas acadêmicas vêm aproximando junto ao tema Leitura mais outros dois: o da exclusão e o do gênero. Antes dos anos 90, os leitores eram nomeados de maneira neutra. A distinção se leitor ou leitora era feita apenas quando se pretendia estabelecer uma comparação entre seus gostos, preferências, habilidades. Enquanto as meninas preferem romances, por exemplo; os meninos, o gênero aventura, conforme podemos ver na pesquisa desenvolvida por AGUIAR (1981).

A partir de pesquisas sobre Leitura na perspectiva da História Cultural e da Antropologia é que vislumbramos um interesse dos pesquisadores em focar o leitor comum, o leitor médio, o leitor distante no tempo e no espaço e o leitor e a leitora em suas práticas e representações. Trabalhos como o de Clarisse Abdalha (1995) intitulado *Partilhando saber e prazer: um estudo etnográfico sobre uma comunidade de leitoras pode ser representativo desta tendência: A partir de uma breve história dessas mulheres [conjunto de leitoras que freqüentam o círculo de leitura da Casa] enquanto leitoras, buscou-se conhecer os usos e significados que emergem da relação cotidiana desse universo social com a leitura.*

O presente artigo pretende colocar em discussão uma pesquisa – estudo de caso - que se junta a outras preocupadas com a distinção de gênero quando se fala em leitura e exclusão (Ferreira, 2003).

É sobre uma leitora, de carne e osso, que quero tratar neste artigo. Trata-se de Lena, uma leitora bem particular, uma jovem senhora, de 27 anos, separada do pai de seus três filhos, um presidiário.

Trago essa leitora porque quero pensar nos seus gestos e modos de ler, em suas condições de acesso e manuseio com alguns objetos impressos, dos seus usos e apropriações em suas práticas cotidianas. Como lidará com a leitura, uma mulher que trabalha oito horas por dia como empregada doméstica e que demora duas horas, de ônibus, para chegar ao trabalho e mais duas para voltar para casa? Que subterfúgios (CERTEAU, 1994), usará, já que explicitamente não pode ser considerada grande consumidora de bens culturais, não freqüentadora dos lugares "consagrados" de leitura (bibliotecas, livrarias) e não tem o tempo ocioso normalmente associado á leitura? Como e por que lê o que lê? Em que estatística ela se esconde ou se enquadra?

Lena é uma leitora especial, e provavelmente muito próxima a outros leitores e leitoras que temos na escola ou fora dela. Quantas Lenas-leitoras poderão ser imaginadas a partir dela?

Lena, embora já sabendo ler e escrever antes de entrar na escola com sete anos e não tendo repetido nenhuma série, cursou apenas até a quarta série quando deixa a escola com 13 anos. O que aconteceu, então, com sua escolaridade irregular?

*Nunca repeti de ano, mudava de cidade por causa de minha mãe, tinha que ir junto quando ela mudava de cidade (...). Parei de estudar porque a escola estava há quatro meses em greve, e minha mãe que acreditava em macumba, nessas coisas de ouvir vozes, me disse que tinha escutado para eu não andar mais sozinha no meio da estrada de terra (caminho da escola) porque iam me matar. Eu tinha dois meses de escola, antes da greve começar.(...) também já estava com 13 anos, namorava o pai dos meus filhos e aí fui viver com ele.*

Abandonando a escola para acompanhar a mãe e os irmãos, Lena atrasa-se. Para acompanhar o pai de seus filhos acaba por abandoná-la de vez. De vez? Não. Atualmente (ano 2002) Lena cursa o supletivo referente á quarta série, á noite, em uma escola de seu bairro. Ela quer deixar de ser ignorante, quer um emprego melhor, pois todos os lugares exigem um diploma de pelo menos 8ª série, me disse ela em uma das entrevistas. Embora tivesse condições intelectuais para continuar na escola, Lena é como muitos brasileiros e brasileiras que saem dela por causa dos pais (para trabalhar, para casar), por causa da distância do trajeto da escola para casa, por falta de segurança nos bairros em que estudam ou moram.

Aprendeu a ler brincando de escolinha com seus dois irmãos um pouco mais velhos do que ela.

*A gente brincava de escolinha porque ficava presa, sozinho, dentro de casa. Escolinha da época, a professora (sempre minha irmã) me batia. A gente lia e escrevia em cima das letras. Os livros tinha sido usado pelos meus tios. Cadernos velhos, com lições velhas. A gente pobre tem costume de guardar.Do jeito que a gente foi criada.*

Com pouco material disponível e atraente, com uma "professora" dois mais velha do que ela, com exercícios mecânicos e repetitivos, Lena aprende a ler e a escrever fora da escola.

E, é de fora da escola que ela traz em sua memória os seus modos de se relacionar com o objeto impresso. Lena é evangélica, freqüenta uma igreja em seu bairro "Assembléia de Deus, Ministério de Belém". Vai a sua igreja (quando ainda não cursava o supletivo, todas às noites), leva a bíblia diariamente para minha casa, provavelmente a lê em algum momento mais sossegado ou de maior aflição. Durante todo o dia, em minha casa, ouve uma rádio evangélica. A palavra de Deus lhe acalma, *lida diariamente lhe dá orientação do que deve fazer, lhe dá a chave de explicação do mundo*. Cita trechos memorizados da Bíblia, acha-os na maior facilidade para me mostrar ou lê-los. Poderia dizer que Lena tem como único livro a Bíblia, porque a lê em minha casa, na casa dela em voz alta para seus filhos, na igreja e a ouve pelo rádio. Faz aquilo que chamamos na História da Leitura, de leitura intensiva: aquela que é a leitura de poucos livros, quase uma leitura memorizada, é a palavra ouvida, comentada, repetida que lhe dá o reconhecimento das letras impressas no papel, o reconhecimento do que já foi ouvido.

Que leitora é ela da Bíblia? A leitora da escola que ela cursou: ler em voz alta para aprender a pronúncia correta das palavras, ler buscando o vocabulário das palavras difíceis, ler buscando a leitura correta. Às vezes ela me pergunta sobre significados de palavras e sobre trechos da bíblia. Mas ela nunca aceita minha resposta ou minha interpretação, pois a minha não é igual a do pastor, que é realmente a palavra da Bíblia. Ela acredita que a Bíblia tem um único e correto significado, e se minha leitura não carrega o sentido entendido por ela, eu fiz uma leitura equivocada.

A Bíblia dá-lhe a chave de interpretação para o mundo. Lê na tampa de uma caixa de doces sírios um desenho de um templo. Assim me diz: *veja como a imagem desta igreja é embaçada. É a igreja do deus Baal, que segundo a Bíblia comanda os santos, é o deus da tempestade*.

Questionada por mim, como chegara àquela conclusão, ela responde: *na igreja, a gente não só aprende a ser crente, mas a analisar, a interpretar a bíblia*.

Lena lê nas entrelinhas, dá para a imagem estampada na embalagem de doces uma interpretação acompanhada da bíblia que poderá ser bastante diferente da leitura associada a uma nacionalidade, a origem dos doces, feita por outros leitores.

Com a bíblia, ela nos sugere uma leitora guardiã dos bons costumes, aquela que lê num ritual familiar aos seus filhos em voz alta, a leitora motivada a ler por causa de sua religião.

Mas é também leitora de jornais, ligada às informações do mundo atual. *O jornal é o emblema pagão.* (Lyons, 2001).

Como assinante da "Folha de São Paulo", depois de ler o jornal, eu o colocava no lixo. A Lena pediu para levá-lo para casa para lê-lo. Ler como, perguntei-lhe, dias depois? Ela me disse que lê com seus filhos (pré, 1º e 2º anos do I ciclo), á noite, recorta trechos, olha folha por folha, lê o que lhe interessa. Palavra ledora e compartilhada, não solitariamente e em silêncio, que é o meu jeito e o de minha família de ler jornal. Ela lê em voz alta para as crianças (quase a imagem de serão, do século XVI) e depois o distribui para que eles leiam em voz alta para aprenderem a pronúncia, para entenderem o que lêem.

De leitora com um dia de atraso, pois a Folha de São Paulo só ia parra suas mãos depois de lido pela minha família, Lena passou a saber das notícias com mais atraso ainda. Minha vizinha, assinante de um jornal da cidade, o *Correio Popular*, pediu-me se poderíamos após a leitura, trocarmos os jornais. Conversei com Lena e ela aceitou a partir de então, levar para casa o Correio Popular com pelo menos dois dias após sua edição. E aí, o que ela lê agora neste periódico local? O que lhe interessa? Como o lê?

*Separo as folhas, porque senão fica difícil para ler (ela me mostra, separando o primeiro caderno e ficando com apenas ele na mão). E vou direto para Bate-Papo, para o Baú de Histórias. Recorto porque acho muito bonito. Gosto de ler essas partes. Gosto também de Cena Urbana. Às vezes nesta página, aqui, tem uns telefones úteis, também leio, recorto.*

Como ela chegou a esta página, não sei. Ela insiste em dizer que é a parte de que mais gosta. Essas páginas fazem parte do caderno *Cidades*. Na parte de cima da página, há informações sobre o *Tempo* e no final, do lado direito, dentro de um retângulo temos informações sobre *Rodízio na Capital* (de carros). A página é, ainda, dividida em mais três partes. Do lado esquerdo, encontramos uma coluna denominada *Bate-Papo*, assinada por Moacyr Castro, cronista que escreve nesta página aos sábados, domingos e terças. Nos demais dias da semana, esta matéria é escrita por Célia Farjalat. Do lado direito, *Análise* (escrita com a colaboração de diferentes profissionais: teólogo, professor, filósofo) traz uma matéria de José Roberto Martins com o título *O golpe de misericórdia* que aborda os últimos atos de violência divulgados pela mídia (o bebê atirado pelo pai no pára-brisa de uma camionete; o assassinato dos pais por Susane; o cirurgião que esquartejou e

dissecou sua amante). Bem no centro da página: o *Guia do cidadão* é composto pelo *Disque – Denúncia*, pela *Cidade reclama* e pela *Agenda* (com pequenas matérias sobre custos de Telefonia, sobre apresentação da Sinfônica, ações de Voluntariado). No *Guia do Cidadão* ainda podemos encontrar os números dos telefones de parques e praças, de diversão e lazer, ou então, em outros dias nesta mesma seção, as informações sobre os telefones de cemitérios, consulados, trânsito, e ainda de rodovias e locais onde se providenciam documentos pessoais e de trabalho.

Os textos assinados são compostos por cinco a oito parágrafos, enquanto que os demais são bem mais curtos. A página é demarcada por traços e partes sombreadas e traz as informações escritas com letras em negrito, de tamanhos diferentes; com números; com imagens: símbolos (telefone, alto-falante, homem e mulher, carinha sorrindo), caricaturas dos escritores ao lado de suas matérias, o mapa de São Paulo com a temperatura da região.

Neste dia do jornal não há a seção *Baú de histórias*, citada também por ela na entrevista. Mas, ambas, *Cena urbana* e *Baú de Histórias*, alternam-se em dias de publicação, mas ficam dispostas no mesmo lugar desta página. Também trazem em comum o fato do texto ser acompanhada de uma foto de tamanho maior que o próprio escrito. Em *Baú de histórias*, uma foto antiga, com um texto de três parágrafos escrito pela cronista Célia Farjalat e em *Cena urbana*, de Gustavo Magnusson, temos uma foto que vem apenas com uma frase.

O que interessa? O que lhe chama atenção nesta página tão entrecruzada de linguagens, símbolos, ícones, fotos, informações?

Principalmente as matérias assinadas. *Bate-papo* que cria personagens, cenas num gênero que poderia ser identificado como crônica, no caso, de humor. Uma história que cita fatos e pessoas conhecidas pelos leitores, mas que mistura anônimos, personagens talvez, inventados. São histórias, narrativas, bem diferentes de textos que trazem informações úteis e atuais que geralmente cumprem a função do gênero jornal e seu uso mais comum. Afinal as pessoas compram jornais porque querem se informar de fatos que aconteceram no mundo, no país, na cidade. E querem saber das notícias em textos escritos de forma objetiva, fidedigna.

Dois textos sem imagens, narrativas que falam de pessoas, lugares, cenas. Um do passado, outro do presente. Ambos chamam a atenção de Lena a ponto de recortá-los

para ler depois, de novo, para guardá-los juntos, em uma caixa de sapato. Assim, ela me conta sobre esse seu gesto: *minha vizinha foi em casa e falou: "você tem tempo mesmo para ficar recortando essas partes do jornal"*.

*Cena urbana*, ao contrário, traz um pequeno texto, quase explicação da foto. Um flash, uma cena de algo corriqueiro, banal, pitoresco, engraçado que chamou a atenção do fotógrafo do jornal. Uma cena com uma explicação embaixo da foto. Uma matéria fácil de ser entendida, lida pelas palavras ou pela imagem.

O *Baú de histórias*, que vem no lugar de *Cena urbana*, em dias alternados, também tem uma grande foto acima de um texto. A matéria narra sobre um espaço (escola, livraria), sobre uma pessoa, importantes na história de Campinas. E, Lena, que não é deste tempo e nem mesmo campineira, lê interessada a história.

Ela lê história, vê fotos, mas também tem em suas mãos, números de telefone úteis: carteira de trabalho, cédula de identidade, título de eleitor, por exemplo.

Lê sentada no sofá e chama as crianças para ouvir as partes das quais gosta mais. Lê em voz alta, ela insiste em dizer, porque assim treina a leitura, aprende a ler.

Só depois é que folheia de trás para frente (as seções ficam na penúltima página do caderno principal do jornal), lendo outras coisas: telefones úteis, a morte de um colega que trabalhara com ela há muito tempo e que morreu em um acidente anunciado no jornal.

Não começa o jornal, como esperam os editores de todo e qualquer jornal, pelas manchetes, pela primeira página. Nem olha para ela. Nem sabe o que fazer dela. Em um jornal com vários cadernos e informações, ela prefere e localiza aquelas que lhe contam histórias. Com exceção da seção, *Guia do cidadão*, as seções preferidas por Lena no caderno *Cidades* e no jornal como um todo, são as narrativas, algumas ficcionais.

O que Lena nos ensina?

Provavelmente que se fizéssemos uma pesquisa sobre a quantidade de leitores que temos no Brasil, ela ficaria de fora. Pois normalmente a pesquisa toma como parâmetro o número de assinantes de jornais, revistas. E como vocês viram, ela não assina. Quantas Lenas temos em volta de nós?

E, o que mais, ela nos ensina? Que se achamos que hoje os jovens não lêem, a classe mais pobre não lê, que a falta de dinheiro/ de tempo impede a leitura, etc...Lena lê e muito.

E, sobre os motivos que a levam a ler? O que mais podemos pensar? Primeiro, que a leitura para ela é afastar os demônios, superar a ignorância, é informação, é luz (projeto iluminista do século XIX): *Leio porque lendo aprendo bastante. Fico mais informada. Deixo de ser ignorante. Não sou passada para trás.*

Para ela não está em discussão o que ela lê, o que seleciona no conjunto das matérias que compõem o jornal. Ler jornal por si só é tirá-la da ignorância, é lhe dar informações.

Segundo ela, ainda a leitura é trabalho (quanto mais se lê mais se aprende a ler, é um exercício diário, sistemático, rotineiro). E pode ser utilizado para ensinar boas maneiras, educar um filho, ler e escrever para interiorização do que se lê e se escreve.

*Pedi para meu filho: "busque um caderno velho que tenha sobrado folhas limpas". E, aí, escrevi "sou um bom irmão e um filho obediente". Falei para o meu filho: "leia". Ele leu e disse: "Ah, não, mãe". E eu mandei: "vai copiar na folha inteira para aprender a não brigar mais com seus irmãos".*

Para Lena ler é mistura de práticas escolarizadas (ler em voz alta para aprender a pronúncia, ler para melhorar o vocabulário, ler para sair da ignorância) e de práticas de leitura com o texto religioso (ler até quase saber de cor o texto que lê, ler bons (religiosos) textos, ler para alcançar o reino dos céus e salvar a alma). Um cruzamento de práticas de leitura aprendidas em casa, na escola e na igreja: ler em voz alta, ler buscando o vocabulário correto e único das palavras, ler muitas vezes para entender o significado parando nas partes, ler repetindo várias vezes um mesmo texto, ler para conhecer histórias.

Lena combina estratégias, habilidades, objetos impressos, modalidades e jeitos de ler, numa maneira misturada, entrecruzada. Ela se orienta por muitos desejos, intenções que devem aproximá-la de muitas outras leitoras, mas que também a diferenciam de outras tantas.

Talvez, ainda tenhamos muito que refletir sobre os dados que temos sobre Lena e suas relações com a leitura. Talvez, ainda desconheçamos muito das práticas efetivas de

leitura realizadas no Brasil. Talvez, precisemos mesmo investigar mais outros tipos de leitores e leitoras tomando como referências não apenas imagens de leitores e leitoras estampados nas campanhas publicitárias ou em situações mitificadoras de leitura; não apenas identificadas nas estatísticas através de assinaturas de jornais e revistas; ou então, ou de venda de livros pelas editoras e livrarias, ou ainda, quantificadas no levantamento de alfabetizados no país. São muitos e diversos os nossos leitores e leitoras.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDALLA, Clarisse V.C. intitulado Partilhando saber e prazer: um estudo etnográfico sobre uma comunidade de leitoras. Rio de Janeiro, 1995, dissertação de mestrado, PUC-RJ.

AGUIAR, V. T. Leitura em crise na escola: as alternativas do professor. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1982.

CERTEAU, M. A invenção do cotidiano. RJ, Vozes, 1994.

FERREIRA, N.S. A .A pesquisa em leitura no Brasil, 1980-1995. Campinas, SP, Komedi: Arte e escrita, 2001.

. Catálogo analítico de dissertações e teses defendidas no Brasil, no período de 1980 a 2000. CD-Rom, 2003 (no prelo).

LAJOLO, M. e ZILBERMAN, R. A formação da leitura no Brasil. SP, Ática, 2000.

LYONS, Marlyn. Os novos leitores no século XIX: mulheres, crianças, operários. In: CAVALLO, G. e CHARTIER, R. História da leitura no mundo ocidental. São Paulo, SP, Ática, 2001.